*A ideologia em geral**

KARL MARX

CONHECEMOS SÒMENTE uma ciência, a ciência da história. Esta pode ser considerada por dois ângulos, e dividida em história da natureza e dos homens. As duas perspectivas, entretanto, não podem ser separadas do tempo; enquanto houver homens, a sua história e a da natureza se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a chamada ciência natural, não nos interessa aqui; devemos ocupar-nos da história dos homens, pois a ideologia quase que inteira se reduz, seja a uma concepção errada dessa história, seja a uma abstração completa dela. A própria ideologia não é mais que um dos lados dessa história[1].

As pressuposições das quais partimos não são arbitrárias, não são dogmas; trata-se de pressupostos verdadeiros, dos quais seria fictício abstrair. Trata-se dos indivíduos reais, de sua ação, de suas condições materiais de vida, tanto as de antemão existentes quanto aquelas que são produto de sua própria ação. Pressupostos verificáveis, portanto, pela vida empírica.

A pressuposição primeira de tôda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. A primeira situação a verificar, portanto, é a organização corporal dêsses indivíduos e a relação que por ela fica dada, do indivíduo com a natureza. Não podemos tratar aqui, é evidente, nem da constituição física dos homens, nem das condições naturais encontradas, condições geológicas, oro-hidrográficas, climatéricas ou outras quaisquer. Tôda historiografia deve partir destas bases naturais

(*) Karl MARX e Friedrich ENGELS, *Die Deutsche Ideologie*, Dietz Verlag, Berlim, 1957, trad. de Robert Schwarz. Esta tradução foi cotejada com a edição francesa, "L'idéologie en général, notamment l'idéologie allemande", em Karl MARX, *Oeuvres Philosophiques, Idéologie allemande*, tomo VI, Alfred Costes, Paris, 1953, págs. 153-174.

(1) Este trecho, no original, está riscado. (*N. da ed. fr.*)

e das modificações no correr da história, nascidas da ação humana.

Pode-se distinguir o homem do animal através da consciência, da religião, ou pelo mais que se queira. O homem, êle próprio, entretanto, começa a distinguir-se do animal logo que passa a *produzir* seus meios de subsistência, passo êsse que é condicionado por sua organização corporal. Através da produção de seus meios de subsistência, produz o homem, indiretamente sua própria vida material.

A maneira pela qual os homens produzem seus meios de subsistência depende, primeiramente, da natureza dos meios de subsistência encontrados e a serem reproduzidos. Esta maneira de produzir não deve ser vista como simples reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se antes de uma espécie já determinada de atividade dêstes indivíduos, um modo determinado de manifestar vida, sua maneira de viver. A maneira pela qual os indivíduos manifestam sua vida é sua maneira de ser. Sua maneira de ser conjuga-se à sua produção, tanto *àquilo* que é produzido, como ao *modo* pelo qual produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.

Esta produção nasce como o *aumento populacional*. Pressupõe, por sua vez, uma *interação* dos indivíduos (*Verkehr*, Al. — *commerce*, Fr.). A forma dessa interação, entretanto, é também condicionada pela produção.

O fato, portanto, é o seguinte: indivíduos determinados, que são ativos na produção de maneira também determinada, subscrevem determinados vínculos sociais e políticos. A observação empírica deve, em cada caso particular — e isto de modo empírico, sem mistificação ou especulação — apresentar a conexão da estrutura social e política com a produção. A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados, mas não são idênticos às representações que êstes indivíduos, ou outros, dêles se façam; antes, são idênticos à sua existência *real*, pela qual agem, produzem materialmente, pela qual são ativos em limites, pressuposições e condições materiais determinados, independentemente de seu livre arbítrio.

As representações que se fazem êsses indivíduos são relativas, seja à sua conexão com a natureza, seja às suas vinculações mútuas ou à sua própria constituição. É evidente que, nestes casos todos, as representações são expressão consciente — real ou ilusória — de suas ligações reais e a confirmação de sua produção, de seu comércio, de sua atitude social e política. A suposição contrária sòmente é possível se considerarmos, além do espírito dos indivíduos reais e materialmente condicionados, ainda outro espírito especial. Se a expressão consciente das condições reais dêstes indivíduos é ilusória, se a realidade comparece em suas representações de maneira invertida, é isto uma conseqüência de suas atividades limitadas e da situação social limitada que daí decorre.

A produção de idéias e representações da consciência está, em primeira linha, intimamente ligada à atividade material e ao comércio dos homens, é a linguagem da vida real. A representação, o pensamento, comércio espiritual dos homens aparece, ainda aqui, como decorrência direta de sua conduta material. Vale o mesmo para os produtos do espírito, tais como aparecem na linguagem da Política, do Direito, da Moral, da Religião, da Metafísica etc., de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, idéias etc., mas trata-se dos homens reais, ativos, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas fôrças produtivas e pelo comércio a estas correspondente, inclusive nas ramificações mais distantes. A consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente; é no ser do homem que (a consciência) encontra seu verdadeiro processo vital. Se em tôda ideologia o homem e suas condições aparecem invertidos, como numa câmara escura, êste fenômeno decorre imediatamente do processo histórico, tanto quanto a inversão sôbre a retina decorre do processo físico.

Bem ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, estamos aqui subindo da terra ao céu. Quer dizer: não se parte para chegar ao homem do que os homens dizem, imaginam, representam, nem do dito, pensado, imaginado e representado com relação ao homem; partimos do homem real e ativo, e é a partir de seu verdadeiro processo vital que nos representamos o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos dêste processo. Também as formações nebulosas no cérebro humano são sublimações necessárias de um processo de vida material, empiricamente constatável e préso a pré-condições materiais. Moral, religião, metafísica, o restante da ideologia e as respectivas formas de consciência perdem, desta forma, o aspecto de independência. Não têm história, não têm evolução, porquanto os homens, ao desenvolver seus comércio e produção materiais, mudam com esta sua realidade também o seu pensar, e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de ver, parte-se da consciência como sendo o indivíduo vivo, enquanto que na segunda, correspondente à vida real, parte-se dos indivíduos vivos reais, considerando-se a consciência como sendo *sua* consciência.

Esta maneira de ver não está isenta de pressupostos. Parte das pressuposições reais, e não as abandona nem por um instante. O suposto são os homens, não os homens fixados e acabados de uma ficção qualquer, mas vistos em seu processo real, de desenvolvimento, determinado por condições dadas e empiricamente verificáveis. Logo que êste processo vital ativo é representado, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, tal como se encontra mesmo nos empiristas, quando abstratos, ou uma ação imaginária de indivíduos imaginários, tal como entre os idealistas.

É onde cessa a especulação, na cola da vida real, que começa a verdadeira ciência positiva, a apresentação da atividade prática, do processo evolutivo prático do homem. A fraseologia ôca da consciência cessa, o conhecimento verdadeiro toma o seu lugar. A filosofia como conhecimento independente perde, com a representação da realidade, seu meio de existência. Seu lugar pode ser ocupado, no máximo, pela organização dos resultados mais gerais que se possam abstrair do exame da evolução histórica dos homens. Estas abstrações, em si, separadas da história real, não têm o menor valor. Não servem para mais que facilitar a ordenação do material histórico, para indicar a sucessão de seus diversos níveis. Não dão, entretanto, como a filosofia, uma receita ou um esquema segundo o qual as épocas históricas possam ser ordenadas. A dificuldade, pelo contrário, começa quando nos pomos a considerar e ordenar os materiais, seja de

épocas passadas seja do presente, quando tentamos a representação real. A superação dessas dificuldades é condicionada por pressuposições que não podem ser dadas aqui, mas que sòmente irão revelar-se no estudo do processo de vida real e na ação dos indivíduos de cada época. Tomamos aqui algumas dessas abstrações, que usamos face à ideologia, e as faremos claras por meio de exemplos históricos[2].

(...)[3] para o materialista *prático*, quer dizer, para o *comunista*, trata-se em verdade de revolucionar o mundo existente, de atacar de modo prático a situação que lhe é dada, e modificá-la. Se intuições desta ordem por vêzes se encontram em FEUERBACH, elas não passam jamais de pressentimentos isolados, sendo sua influência na maneira de ver muito pequena para serem consideradas mais do que germes de possíveis desenvolvimentos ulteriores. Sua concepção do mundo sensível limita-se, por um lado, à simples intuição, e por outro, à simples sensação; fala êle *do* homem em vez de *dos* "homens reais e históricos". "O homem", realmente, é "o alemão". No primeiro caso, na *intuição* do mundo sensível, esbarra o A. fatalmente em coisas que estão em contradição com sua consciência e seus sentidos, e que perturbam a harmonia por êle suposta entre tôdas as partes do mundo sensível e, notòriamente, entre homem e natureza. O êrro não está em FEUERBACH subordinar o que é manifesto, a *aparência* sensível, à realidade sensível constatada pelo exame minucioso dos dados sensoriais; antes, está em não ser êle capaz, em última análise, de absorver o mundo sensível sem considerá-lo através dos "olhos", quer dizer, "óculos" do *filósofo*. Para afastar esta contradição, precisa êle refugiar-se numa dupla intuição, uma profana que apenas vê o "terra a terra" e outra, mais alta, filosófica, capaz de intuir a verdadeira essência das coisas. Não vê que o mundo sensível circundante não é um dado de eternidade, sempre igual a si mesmo, mas que é o produto da indústria da situação social; isto no sentido de que se trata de um produto histórico, resultado da atividade de uma série de gerações, das quais cada qual se apoiara sôbre os ombros da anterior, desenvol-

(2) Há uma lacuna no manuscrito. (N. da ed. al.)

(3) Saltamos, de acôrdo com a versão francesa, uma longa exposição histórica. (N. do T.)

vendo sua indústria e seu comércio, modificando sua ordem social segundo necessidades modificadas. Mesmo os objetos da mais simples "certeza sensível" apenas lhe são dados através da evolução do social, da indústria e das relações comerciais. A cerejeira, como quase tôdas as árvores frutíferas, é conhecidamente de introdução recente pelo comércio em nossa zona, sendo, portanto, sua presença para a "certeza sensível" de FEUERBACH o produto da ação de determinada sociedade em época determinada. Além do mais, como breve se verá de maneira ainda mais clara, nesta concepção das coisas tais como aconteceram e realmente são, qualquer dos profundos problemas filosóficos se dissolve simplesmente num fato empírico. A importante questão, por exemplo, referente à relação do homem com a natureza (ou mesmo, como diz BAUER, as "contradições de natureza e história", como se isto fôssem duas "coisas" distintas, como se o homem não se defrontasse sempre com uma natureza histórica e uma história natural) questão da qual nasceram tôdas estas "obras de incomensurável profundidade" sôbre "substância" e "consciência", resolve-se ao percebermos que a mui famosa "unidade de homem e natureza" sempre foi um fato na indústria, e um fato que sempre existiu de modo diverso, em dependência do maior ou menor desenvolvimento da indústria; assim como a "luta" do homem com a natureza, até desenvolver suas fôrças produtivas em bases correspondentes. A indústria e o comércio, a produção e a troca dos meios de subsistência condicionam, e, por seu lado, são condicionados na sua maneira de ser, pela distribuição e pela estruturação das diversas classes sociais — de tal modo que FEUERBACH, por exemplo, em Manchester, vê sòmente fábricas e máquinas onde, há cem anos, não poderia ver mais que rocas de fiar e teares manuais; ou na Campagna di Roma, onde mais não vê que pastagens e alagadiços, quando em tempo de AUGUSTO teria encontrado vinhas e vilas de capitalistas romanos. FEUERBACH fala especialmente da intuição das Ciências Naturais, menciona mistérios sòmente desvendáveis no olhar do físico ou do químico; entretanto, onde é que estariam as Ciências Naturais sem indústria e sem comércio? Mesmo estas ciências naturais "puras" não adquirem suas finalidades e seus materiais senão através da indústria, através da atividade sensível do homem. Tanto estas novidades, estas

ação e criação sensíveis e contínuas, êste produzir, são o fundamento de todo o mundo sensível tal como agora existe, que, interrompidas por um ano que fôsse, fariam com que FEUERBACH encontrasse não sòmente um mundo natural enormemente mudado, mas fariam também com que perdesse o mundo humano, sua faculdade de intuição, e mesmo sua própria existência. A prioridade da natureza exterior permanece existente, é verdade, e tudo isto não faz sentido se aplicarmos aos proto-homens, produtos da geração espontânea; essa distinção só faz sentido na medida em que se concebe o homem como distintivo da natureza. A natureza que precedeu a história humana, aliás, não é aquela em que vive FEUERBACH, não é uma natureza que subsista hoje, excetuadas algumas ilhas de coral australianas de aparecimento mais recente, não é, portanto, uma natureza que possa ter existência para FEUERBACH. – FEUERBACH têm sôbre os "materialistas puros" a vantagem, é verdade, de compreender que o próprio homem é "objeto sensível"; sem nos prendermos, entretanto, ao fato de FEUERBACH considerar o homem apenas como "objeto sensível" e não enquanto "atividade sensível", pois também aqui êle se prende à teoria, não tomando o homem em sua conexão social dada, não considerando suas verdadeiras condições de vida que o fizeram tal qual é, – verificamos que nunca chega ao homem ativo, realmente existente, ficando na abstração de "o homem", não conhecendo o "homem real, individual, corporal" senão pela sensibilidade, quer dizer, não conhece "relações humanas" senão "de humano para humano", tais como amor e amizade, sendo estas ainda idealizadas. Não nos dá nenhuma crítica das condições de existência atuais. Não chega nunca a conceber o mundo sensível como a *atividade* viva e sensível de todos os indivíduos que o compõem, e é obrigado, por exemplo, ao ver em lugar de homens saudáveis um bando de esfomeados, tuberculosos, escrofulosos e estafados, a apelar para a "superior intuição", para a noção de "igualização da espécie", uma volta, portanto, ao idealismo, onde o comunista materialista enxerga a necessidade e simultâneamente a condição para uma reorganização tanto da indústria como da estrutura social.

Na medida em que FEUERBACH é materialista, não se dá êle com a história, e na medida em que considera a história, não é materialista. História e materialismo, em seu caso, são incompatíveis, coisa que, aliás, se explica pelo já dito[4].

Com os alemães que se pretendem sem pressuposições, é preciso começar pela constatação do primeiro pressuposto de tôda existência humana, de tôda história portanto, a saber a pressuposição de que os homens precisam estar em condições de viver para poderem "fazer história". Para viver, entretanto, é preciso comer e beber, habitar e vestir e mais alguma coisa. O primeiro ato histórico, portanto, é a produção dos meios que satisfaçam essas necessidades, produção da própria vida material; e é êste ato histórico, condição básica de tôda história, que hoje como há mil anos, todos os dias e a tôdas as horas, precisa ser realizado para manter o homem em vida. Ainda quando reduzidas a um bastão, ao mínimo, como o são com São Bruno, as necessidades sensíveis exigem a atividade da produção dêste bastão. O primordial, portanto, em tôda concepção histórica, é a consideração dêste fato fundamental em tôda sua significação e extensão, levando-o às suas conseqüências. Os alemães, como se sabe, nunca o fizeram, assim como nunca tiveram base *terrestre* para a história, como não tiveram, em conseqüência, um historiador. Os franceses e ingleses, ainda que não tenham apanhado mais que imperfeitamente a conexão dêste estado de coisas com o que chamamos de história – principalmente enquanto enredados na ideologia política – ao menos fizeram as primeiras tentativas no sentido de dar à historiografia uma base materialista, isto ao escreverem histórias da sociedade burguesa, do comércio e da indústria. – O segundo ponto resulta de, satisfeita a primeira necessidade e criado o instrumento para a sua satisfação, levar ela a novas necessidades – e é esta criação de necessidades novas o primeiro ato histórico. É nesta oportunidade também que se revela a natureza da grande sapiência histórica dos alemães que, uma vez esgotado seu material positivo e não havendo possibilidade para baboseiras teológicas, políticas ou literárias, faz acontecer em lugar da história uma pré-história, sem contudo nos esclarecer quanto à passagem desta absurda "pré-história" para

(4) No texto alemão há, neste ponto, uma longa compreensão histórica do dito. O texto que se segue, nesta edição, está nesta parte do texto alemão, sob título de História.

a história pròpriamente dita — ainda que, por outro lado, sua especulação histórica tenha uma atenção até especial para a pré-história, domínio em que se supõe a seguro de interferências do "fato bruto", domínio que permite rédeas sôltas ao instinto especulativo, que permite construir e destruir hipóteses aos milhões. — O terceiro ponto, que já de início penetra a evolução histórica, é o de que os homens que diàriamente refazem sua própria vida começam por produzir outros homens, reproduzem-se — o terceiro ponto é a relação de homem e mulher, pais e filhos, trata-se da família. Esta família, inicialmente a única relação social, torna-se a seguir, quando as necessidades aumentadas criam novas condições sociais e o número crescente dos homens cria novas necessidades, um conceito subalterno (menos na Alemanha) e deve, portanto, ser tratado e compreendido segundo os dados empíricos, e não segundo o "conceito da família", como sói acontecer na Alemanha. Estes três aspectos da atividade social não devem, além do mais, ser considerados como diferentes em grau, mas simplesmente como três lados diversos ou, para escrever de maneira compreensível a alemães, como três "momentos" que, existentes desde os inícios da história e simultâneos aos primeiros homens, ainda hoje se fazem valer. A produção da vida, tanto da própria no trabalho, como da alheia pela reprodução, nos aparece desde o início como dupla relação — relação por um lado natural e por outro social — social no sentido que se dá a colaboração de vários indivíduos, quaisquer que sejam as condições, maneiras ou finalidades propostas. Disto decorre que um determinado modo de produção assim como um determinado grau de industrialização sempre estão ligados com uma determinada maneira de colaborar e a um determinado grau de socialização, sendo êste próprio modo de colaboração uma "fôrça produtiva"; daí decorre que a quantidade de fôrça produtiva acessível aos homens condicione sua situação social, e que portanto a "história da humanidade" deva sempre ser estudada e trabalhada em conexão com a história da indústria e do comércio. Fica claro, igualmente, que é impossível escrever tal história na Alemanha, pois faltam aos alemães não sòmente os dados e o entendimento, como também a "certeza sensível"; mesmo porque do outro lado do Reno nada de mais se descobre,

visto lá não acontecer mais história. De início mostra-se, portanto, uma vinculação material dos homens entre si, condicionada por necessidades e modos da produção, velha tanto quanto os homens — vinculação que toma formas sempre novas, apresentando, portanto, uma "história", vinculação que subsiste mesmo à falta de qualquer *non-sense* político ou religioso, que vise a um reforço extra da união entre os homens. — E é sòmente agora, após havermos considerado quatro momentos, quatro lados de situação histórica inicial, que achamos que o homem tem também consciência[5]. Também esta não surge, de início, como consciência "pura". O "espírito" é "maculado" desde o início pela maldição da matéria, que surge sob forma de camadas de ar em movimento, sons, em suma, sob forma de linguagem.

A linguagem é tão antiga quanto a consciência — a linguagem é a consciência prática, real, existente para os outros e portanto também para mim, e como a consciência, nasce da carência, da necessidade do comércio entre os homens. Onde existe relação, esta existe para mim; o animal não tem relações com nada, não tem relação nenhuma. Para o animal, sua ligação não existe como tal. A consciência é desde o início um produto social e assim permanece enquanto existirem homens. A princípio, a consciência naturalmente não sobrepassa o ambiente sensível mais próximo, não sobrepassa as limitadas conexões com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se está tornando consciente; trata-se paralelamente de uma consciência da natureza, sendo que, de início, opõe-se ao homem como fôrça todo-poderosa, estranha e inatacável, em face da qual o homem se comporta de maneira puramente animal; uma consciência puramente animal da natureza, portanto (religião natural)[6]. A verificação é imediata: esta religião natural ou êste determinado comportamento em face da natureza são condicionados pela organização social, e vice-versa. Aqui, como em tôda parte, a identidade de homem e natureza surge de modo a indicar que a relação limitada dos homens com a natureza condiciona a relação limitada dos homens entre si, e a limitação de suas

(5) Aqui Marx acrescentou à margem: "Os homens têm história porque devem produzir sua vida e isto de maneira... *determinada*: esta é dada por sua organização física, assim como sua consciência". (N. da ed. fr.)

(6) A seqüência das frases seguintes, diversa daquela seguida pelo texto francês, é tomada ao texto alemão.

relações entre si condiciona a limitação de suas relações com a natureza; isto por estar a natureza quase que intacta de modificações históricas; e surge, por outro lado, como consciência da necessidade de entrar em relação com os indivíduos circundantes, consciência de que, genèricamente, o indivíduo vive em sociedade. Êste início é tão animal quanto a própria vida social neste degrau; trata-se de uma pura consciência gregária; o homem distingue-se do carneiro apenas na medida em que a consciência lhe faz as vêzes do instinto, ou *na medida em que seu instinto* é consciente. Esta consciência carneira ou de rebanho recebe posterior desenvolvimento e conformação através do crescimento da produtividade pelo aumento das necessidades, e pelo incremento populacional, fundamento dos dois acréscimos anteriores. Desenvolve-se assim a divisão do trabalho, que primitivamente mais não foi que a divisão do trabalho no ato sexual, depois divisão de trabalho devida às disposições naturais (fôrça física, p. ex.), às necessidades, aos acasos etc., etc., divisão que se fêz por si, "orgânicamente". A divisão do trabalho só se torna efetiva, entretanto, quando se faz entre trabalho material e intelectual[7]. É a partir dêsse momento que a consciência *pode* realmente se imaginar como sendo algo mais que a consciência da *praxis* atual, como representando verdadeiramente alguma coisa, ainda que esta coisa não seja real, é a partir dêsse momento que a consciência passa a ser capaz de se emancipar do mundo, passando à formação de teorias "puras", teologia, filosofia, moral etc. Mesmo quando estas teorias, teologia, filosofia, moral etc., entram em contradição com as condições existentes, isto não pode ser mais que conseqüência da contradição então surgida entre fôrça produtiva e relações sociais — o que, aliás, em âmbito nacional também pode ser conseqüência de contradições exteriores a êsse âmbito, conseqüência de desajuste entre a consciência nacional e a *praxis* das outras nações[8], isto é, entre a consciência nacional e a consciência universal de uma nação[9]. De resto, é indiferente o que a consciência faz quando sòzinha. De todo êste monturo só ressalta que êsses três momentos, fôrça produtiva, situação

(7) A primeira forma do ideólogo é o clérigo. (N. do A.)
(8) Os alemães com a ideologia. Religião. (N. do A.)
(9) No texto francês aparece, antes a esta frase, uma frase fragmentada.

social e consciência podem e precisam entrar em contradição mútua, pois com a divisão do trabalho fica dada a possibilidade, ou melhor, fica dado o fato de que atividade intelectual e material — de que prazer e trabalho, produção e consumação passam a caber a indivíduos distintos, e a possibilidade de não entrarem êles em contradição repousa sòmente na eventualidade de se suspender a divisão do trabalho. É auto-evidente, aliás, que os "fantasmas", os "laços", o "ser superior", o "conceito", a "dificuldade", mais não são que a expressão idealista, a representação visível que o indivíduo isolado se faz, a representação de ligações e limitações muito empíricas dentro das quais se move o modo de produção da vida e suas correlatas formas de interação.

Com a divisão do trabalho, onde tôdas estas contradições são dadas, e que por sua vez repousa sôbre a divisão natural do trabalho na família e sôbre a diferenciação da sociedade em famílias distintas e opostas umas às outras, fica dada paralelamente a re-partição, e esta desigual, tanto quantitativa como qualitativa do trabalho e de seus produtos, fica, portanto, a propriedade, propriedade que tem seu primeiro germe na família, onde mulher e criança são os escravos do homem. A escravidão na família, verdade rudimentar e latente, é a primeira propriedade já perfeitamente em correspondência com a definição dos economistas modernos segundo a qual representa a disposição sôbre trabalho alheio. Divisão de trabalho e propriedade privada são, de resto, expressões idênticas — numa fica dito a respeito da atividade o mesmo que noutra ficará dito do produto dessa atividade. — Além do mais, com a divisão do trabalho fica dada a contradição do interêsse do indivíduo ou de família isolados, face ao interêsse comum de todos os indivíduos que estão em contacto; e considere-se que êsse interêsse coletivo não existe apenas na imaginação, como "generalidade", mas existe em realidade como mútua dependência dos indivíduos entre os quais o trabalho é repartido.

É precisamente nesta contradição do interêsse particular e coletivo que o interêsse comum toma, como Estado, uma forma independente, distinta dos reais interêsses particulares ou coletivos, simulando uma comunidade, que em verdade é ilusória, mas que sempre se baseia nos laços reais existentes em todo

conglomerado, de família ou de raça, laços de carne ou de sangue, de linguagem, de divisão de trabalho em grande escala e outros interêsses — especialmente, como veremos mais tarde, baseada nas classes sociais condicionadas pela divisão do trabalho, classes cujo surgimento é inevitável num conglomerado humano desta ordem, e das quais uma domina tôdas as outras. Daí resulta serem tôdas as lutas que se travam dentro do estado, lutas entre democracia, aristocracia e monarquia, lutas pelo direito de voto etc., etc., nada mais que formas ilusórias, atrás das quais se trava o combate real entre as classes (coisa de que os teóricos alemães não têm a menor idéia, apesar de os "Deutsch-Franzoesische Jahrbuecher" e a "Santa Família" serem mais do que sugestivos). Resulta também que tôda classe aspirante ao poder, ainda que seu poder — como no caso do proletariado — implique a supressão das velhas formas da sociedade e mesmo do próprio poder, deva antes conquistar o poder político, para representar o seu interêsse como sendo o geral, coisa a que de início se verá obrigada. Precisamente por não procurarem os indivíduos *mais* do que seu interêsse especial não-coincidente com o geral, por ser o geral uma forma ilusória do que é comum, êste último é colocado como algo de "estranho" aos homens, dêles "independente", algo que por sua vez precisa ser pôsto como sendo de interêsse "geral"; não sendo assim, ficaria também o proletariado em contradição, como acontece na democracia. Por outro lado, a luta prática dêsses interêsses particulares, sempre em *real* contradição com os interêsses comuns ou ilusòriamente comuns, faz necessária a intervenção *prática* por meio do ilusório interêsse "universal" que é o Estado[10].

E finalmente dá-nos a divisão do trabalho um primeiro exemplo de que, enquanto o homem se encontra numa sociedade natural na qual existe a cisão entre o interêsse particular e o comum, enquanto por isso mesmo a divisão de trabalho não se faz voluntária mas naturalmente, a própria ação do homem se lhe torna estrangeira, a êle se opondo, dominando-o em lugar de ser dominada. Assim que se inicia a divisão do trabalho passa cada qual a ter um círculo exclusivo de atividades, que lhe é impôsto, do qual não pode sair; é caçador, pescador, pastor ou

(10) Seguimos a ordem da edição francesa, diversa da alemã. (N. da T.)

"criticizador" crítico, e assim deve permanecer caso não queira perder os seus meios de vida — enquanto que na sociedade comunista, onde ninguém tem um círculo exclusivo de atividade e cada qual pode escolher qualquer ramo ocupacional para nêle se aperfeiçoar, a sociedade regula a produção geral, dando-me assim a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar de manhã, pescar depois do almôço e pastorear à noite, criticar após as refeições, tudo segundo minha vontade, sem que jamais me torne, por isso, caçador, pescador, pastor ou crítico. Êste fixar-se da atividade social, esta consolidação de nosso próprio produto que passa a dominar-nos, que escapa ao nosso contrôle, que contraria nossas esperanças, anula nossos cálculos, é um dos momentos principais do desenvolvimento histórico que até aqui tivemos[11].

(11) A ed. francesa omite uma digressão sôbre o processo de radicalização da situação alienada. (N. do T.)